

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL FAALC –
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO CURSO DE
ARTES VISUAIS BACHARELADO**

GABRIEL MARTINS NEVES

SERIGRAFIA SOBRE SEGUNDA PELE:
CAMISETAS ESTAMPADAS COMO INTERFACE COM O MUNDO

CAMPO GRANDE, MS
2020

GABRIEL MARTINS NEVES

SERIGRAFIA SOBRE SEGUNDA PELE:
CAMISETAS ESTAMPADAS COMO INTERFACE COM O MUNDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação – FAALC, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos da qualificação à obtenção de título de bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Bonilha

CAMPO GRANDE, MS
2020

GABRIEL MARTINS NEVES

SERIGRAFIA SOBRE SEGUNDA PELE:
CAMISETAS ESTAMPADAS COMO INTERFACE COM O MUNDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação – FAALC, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos da qualificação à obtenção de título de bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Bonilha

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Constança Lucas
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Profa. Ma. Priscilla Pessoa
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Sergio Bonilha - Orientador
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este trabalho tem como tema principal a camiseta e suas estampas, vestimenta que passou de “roupa de baixo” a peça de roupa polêmica em meados do século XX. De ícone das tribos de contracultura à peça democrática de guarda-roupa comum, a camiseta sofreu inúmeras mudanças em sua aparência e foi aproveitada pelas mais variadas ideologias e causas. Este trabalho retoma em certa medida essa característica contestatória da camiseta, buscando-a como plataforma de circulação de imagens e/ou obras de arte. Conhecimentos acadêmicos e experiências de vida se entrelaçam nas propostas artísticas deste TCC para que a arte possa estar presente em todos os lugares, sejam estes efêmeros ou não.

Palavras-chaves: Camiseta; Estampa; Serigrafia; Circulação da imagem; Cultura urbana, Desenho.

Dedico este trabalho a minha mãe
pelo apoio e pela força durante todos esses anos.
A todos os parceiros de luta.
E para mim,
para me lembrar sempre que ler esse trabalho,
que sou capaz de fazer tudo que quero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Bárbara Borges de Almeida, minha grande amiga, pela paciência, companheirismo e pelo apoio na escrita deste trabalho.

Ao meu orientador Sergio Bonilha, por compreender meu tempo, pelo repasse de conhecimentos e por ter me ajudado chegar até aqui.

Aos meus companheiros de ateliê: Victor Alves (Hero), Rodrigo Bevenuto e Ana Júlia Montagna.

Ao poeta Iuri Lucas, por ter contribuído com sua música e com suas palavras sobre minha arte.

A José Ulisses Garcia (Zé Ulisses), e a toda banda Omega Cobra, por ter contribuído com sua música e com suas palavras sobre minha arte.

A todos os amigos que fizeram parte dessa caminhada, a todos que me abraçaram e me acolheram nos momentos difíceis e a todos que se fizeram presentes.

*“Eu quero ser compreendido e considerado
E se for possível, também amado” (JORGE BEN, 1970)*

*“Considero um irmão, quem batalha, quem luta, na garagem ou
porão, arte revolução.” (CÓLERA, 1998)*

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 - A CAMISIA	12
FIGURA 2 - SOLDADOS POSAM APENAS DE CAMISETA.....	13
FIGURA 3 - CLARK GABLE SEM CAMISETA POR BAIXO DAS VESTES EM “IT HAPPENED ONE NIGHT” (ACONTECEU NAQUELA NOITE, 1934).....	14
FIGURA 4 - TIME DE BASEBALL SNICKERBOCKERS	15
FIGURA 5 - CAPA DO PRIMEIRO VOLUME DO QUADRINHO	16
FIGURA 6 - CAPA DA REVISTA LIFE (1942)	17
FIGURA 7 - CAMISETA DA CAMPANHA DO CANDIDATO DEWY EM 1948.....	18
FIGURA 8 - MARLON BRANDO EM “A STREETCAR NAMED DESIRE” (1951)	19
FIGURA 9 - JAMES DEAN EM “REBEL WITHOUT A CAUSE” (1955).....	19
FIGURA 10 - GRUPO HIPPIE.....	20
FIGURA 11 - JOHN LENNON NA SACADA DE SEU APARTAMENTO EM NY.....	21
FIGURA 12 - VIVIENNE WESTWOOD UTILIZANDO A FAMOSA CAMISETA “DESTROY”	21
FIGURA 13 - ALGUMAS DAS CAMISETAS DA LOJA.....	22
FIGURA 14 - À ESQUERDA SID VICIOUS, QUE FOI VENDEDOR DA LOJA. A DIREITA ELE CONVERSA COM VIVIENNE WESTWOOD	22
FIGURA 15 - LOGOTIPO CRIADO PARA PROMOVER O TURISMO EM NEW YORK (NOVA IORQUE)	23
FIGURA 16 - CLUBBERS	24
FIGURA 17 - VISUAL DA ÉPOCA DE ASCENSÃO DO GRUNGE.....	25
FIGURA 18 - MARCA DE CAMISETAS AUTORAIS DO COLETIVO “PEITA EU”	25
FIGURA 19 - ZINES “SP PUNK”, “ALERTA PUNK” E “FACTOR ZERO!” (BRASIL).....	27
FIGURA 20 - ZINE “LIXO CULTURAL” (BRASIL)	27
FIGURA 21 - ZINES “CADÁVER ESQUISITO” E “SOMOS AQUELES CONTRA OS QUAIS OS VOSSOS PAIS VOS AVISARAM!” (PORTUGAL)	28
FIGURA 22 - ZINE “MANIFESTO PUNK” (BRASIL)	28
FIGURA 23 - ETAPAS DO DESENHO.....	29
FIGURA 24 - ETAPAS DO DESENHO.....	30
FIGURA 25 - ETAPAS DO DESENHO.....	30
FIGURA 26 - MATERIAIS PARA SERIGRAFIA.....	31
FIGURA 27 - FOTOLITO IMPRESSO.....	32
FIGURA 28 - MANUAL PARA SERIGRAFIA 1 - PREPARAÇÃO DA TELA	33
FIGURA 29 - MATRIZES ANTES DA GRAVAÇÃO.....	34
FIGURA 30 - MESA DE LUZ	34
FIGURA 31 - QUEIMA DA MATRIZ	35
FIGURA 32 - REVELAÇÃO DA MATRIZ	35
FIGURA 33 - GRAVAÇÃO DA TELA	36
FIGURA 34 - LAVAGEM DAS TELAS	36
FIGURA 35 - FOTOLITOS JÁ IMPRESSOS NA MATRIZ	37
FIGURA 36 - PREPARAÇÃO DAS PEÇAS PARA ESTAMPARIA.....	38
FIGURA 37 - MANUAL PARA SERIGRAFIA 2 - IMPRESSÃO	39
FIGURA 38 - TESTE DE ESTAMPA NO PAPEL.....	40
FIGURA 39 - TESTE DE ESTAMPA NO PAPEL 2	41

FIGURA 40 - TESTE DE ESTAMPA NO PAPEL 3	41
FIGURA 41 - RESULTADO DA IMPRESSÃO EM PAPEL	42
FIGURA 42 - CAMISETAS NA BANCADA DE TRABALHO	43
FIGURA 43 - CAMISETAS ESTAMPADAS E SECAS	44
FIGURA 44 - LOGOTIPO DA MARCA	45
FIGURA 45 - CAMISETAS EXPOSTAS NA FEIRA DE RUA SÃO CHICO, EM CAMPO GRANDE (MS)	46
FIGURA 46 - CAMISETAS EXPOSTAS NO ROTUNDA BAR, EM CAMPO GRANDE (MS)	46
FIGURA 47 - CAMISETAS EXPOSTAS NO BAR DA TIA, EM CAMPO GRANDE (MS)	47
FIGURA 48 - SHOW DA BANDA PROJETO KZULO	47
FIGURA 49 - LOGOTIPO DO COLETIVO DODO	48
FIGURA 50 - CAMISETAS EXPOSTAS NA I BIENAL DO CENTRO DO MUNDO, EM CAMPO GRANDE/MS.....	49
FIGURA 51 - PROJEÇÃO DO PROJETO MOSTRA TUA ARTE, EM BELÉM (PA).....	50
FIGURA 52 - PROJEÇÃO DO PROJETO MOSTRA TUA ARTE, EM BELÉM (PA).....	51
FIGURA 53 - PROJEÇÃO DO PROJETO MOSTRA TUA ARTE, EM BELÉM (PA).....	51
FIGURA 54 - PROJEÇÃO DO PROJETO MOSTRA TUA ARTE, EM BELÉM (PA).....	52
FIGURA 55 - PRÓXIMA COLEÇÃO DA MARCA PEITA EU (SIMULAÇÃO DIGITAL).....	52
FIGURA 56 - SIMULAÇÃO COM DESENHOS DO AUTOR	53
FIGURA 57 - FORTE E GRANDE É VOCÊ	54
FIGURA 58 - MINHA ESCOLHA FOI VOCÊ	55
FIGURA 59 - ME GUSTAS TU.....	56
FIGURA 60 - VIDA LOKA HARDCORE	57
FIGURA 61 - CABREIRO	58
FIGURA 62 - SOU O ESPELHO DE ONDE VOU	59
FIGURA 63 - RASCUNHO "SOU O ESPELHO DE ONDE VOU"	60
FIGURA 64 - EU MORO NO MOMENTO.....	62
FIGURA 65 - RASCUNHO "EU MORO NO MOMENTO"	63
FIGURA 66 - MINHA TRISTEZA NÃO É SEGREDO.....	65
FIGURA 67 - RASCUNHOS "MINHA TRISTEZA NÃO É SEGREDO"	67
FIGURA 68 - MOCKUP COM AS ARTES FINALIZADAS	68
FIGURA 69 - MOCKUP "EU MORO NO MOMENTO"	69
FIGURA 70 - MOCKUP "SOU O ESPELHO DE ONDE VOU"	70
FIGURA 71 - MOCKUP "MINHA TRISTEZA NÃO É SEGREDO"	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SURGIMENTO DA CAMISETA E SUAS ESTAMPAS	12
2. PROCESSO POÉTICO/ PRÁTICA DE ATELIÊ/ CIRCULAÇÃO DE IMAGENS..	26
2.1 <i>TÉCNICA SERIGRÁFICA</i>	<i>31</i>
2.2 <i>DISTRIBUIÇÃO/ VENDA/ CIRCULAÇÃO</i>	<i>44</i>
2.3 <i>CONJUNTO DE OBRAS FINAIS</i>	<i>53</i>
2.4 <i>MOCKUPS (SIMULAÇÃO) DAS OBRAS ESTAMPADAS EM CAMISETAS.....</i>	<i>68</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe o desenvolvimento de uma série de estampas para camisetas utilizando como linguagem principal o desenho. O conjunto das obras resgatará entre as culturas urbanas elementos da estética da contracultura e de outros movimentos sociais e culturais, como o *punk*, o *hip hop*, os *clubbers* etc.

A utilização de estampas em camisetas pelos movimentos de contracultura tem sido uma ferramenta de construção da identidade de indivíduos, uma “vitruine ambulante” na qual o próprio corpo torna-se meio para expressão política, humor, reprodução de obras famosas e divulgação de projetos pessoais. Podemos encontrar diversas formas de estamparia, que vão desde o “*do it yourself*” (faça você mesmo) – popularizado pelo movimento *punk* a partir dos anos 1970 – até a indústria da moda, com suas grifes e padronizações.

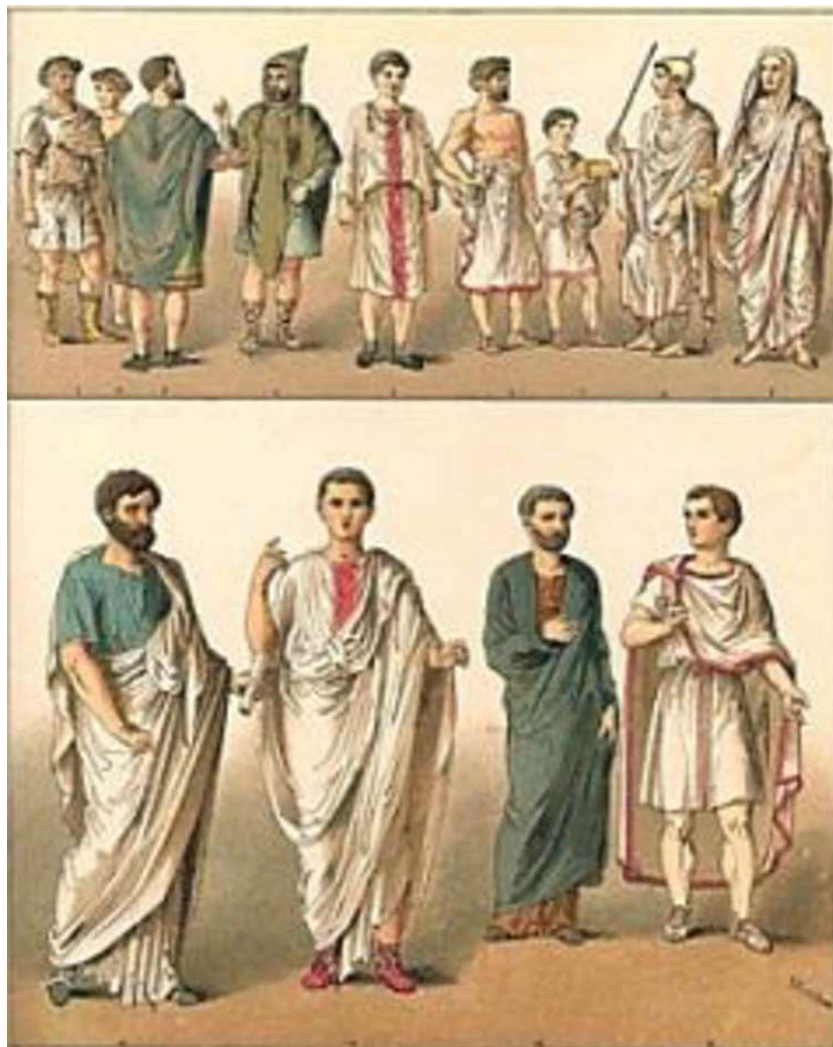
As estampas tiveram papel importante na desconstrução da concepção de “roupa de baixo” que a camiseta tinha nos seus primórdios. A partir da popularização dos métodos de serigrafia, os movimentos de contracultura começam a utilizar a camiseta e suas estampas como suporte para mensagens que expressavam o que sentiam, desde ideologias políticas a mensagens de paz.

Minha aproximação com a serigrafia se deu no curso de graduação em Artes Visuais - Bacharelado, na UFMS. Junto a um grupo de colegas tive a oportunidade de aprendizado da técnica serigráfica e com eles montei um coletivo de artistas que posteriormente criou uma marca de camisetas.

1 SURGIMENTO DA CAMISETA E SUAS ESTAMPAS

Não se sabe ao certo quando começa essa história, segundo Danielle Caldas, no blog Chico Rei, o que se sabe é que os primeiros conceitos funcionais de camisetas foram registrados na época do Egito Antigo e não passavam de um tecido transparente sobre o corpo. A ideia da peça continuou a evoluir, passando pela *camisia*, peça de roupa parecida com a dos egípcios, porém utilizada pelos Gregos e Romanos, cuja principal função era proteger as togas e túnicas do suor de quem a usava, já que essas togas eram muitas vezes repletas de ouro, prata e outras joias.

Figura 1 - A Camisia



Fonte: Blog Chico Rei.

Existe uma lacuna muito grande em registros da evolução dessa peça tão popular nos dias atuais. O fato é que em boa parte do período em que se tem

registros sobre ela, sua confecção era feita a mão e o hábito de usá-la como roupa de baixo se manteve por muito tempo, com pequenas diferenças estéticas, como texturas e materiais utilizados na sua produção.

Com o passar dos anos, pequenas modificações ocorreram na modelagem da peça. O encurtamento dos “camisolões”, por exemplo, começa a criar uma nova concepção com base nas necessidades dos trabalhadores braçais, que a utilizavam sobreposta apenas por um colete. No séc. XIX, as imigrações de europeus para o Novo Mundo, onde o calor os obriga a encontrar formas de se refrescar durante o trabalho, faz com que se abandone os coletes, permanecendo os camisolões como única vestimenta a cobrir o tronco.

Passaram-se muitas pequenas evoluções até chegar ao que conhecemos hoje como camiseta. Seu uso começa ficar popular na Primeira Guerra Mundial, onde já se tinha um formato mais confortável do que os antigos camisolões, agora em formato de “T”, com mangas curtas e golas arredondadas, conhecidas desde então como “T-shirt”.

Apesar das mudanças visuais, a finalidade da peça parecia não ter mudado muito e o principal uso dos soldados europeus ainda era a proteção da roupa que a sobrepunha, nesse caso, os uniformes. Em seguida, o Exército e a Marinha Americana adotaram a camiseta como peça padrão de seu uniforme.

Figura 2 - Soldados posam apenas de camiseta



Fonte: Site Moda para homens.

O grande responsável pela popularização da camiseta foi o cinema, que já fazia esse tipo de divulgação de moda nas décadas de 1930, 40 e 50, quando era o maior meio de entretenimento das massas. Em 1934, o filme “*It happened one night*” (Aconteceu naquela noite) dá início a desconstrução da imagem de que era necessário o uso de uma camiseta por baixo das roupas, fazendo com que a venda das camisetas como *underwear* caísse bruscamente.

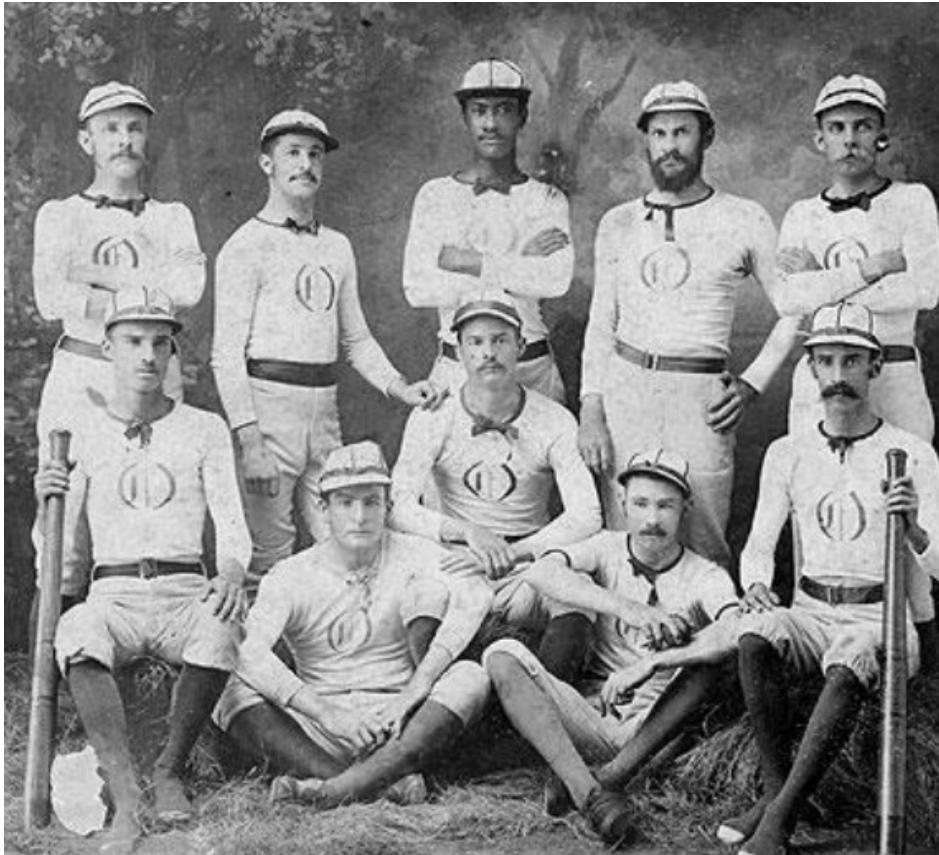
Figura 3 - Clark Gable sem camiseta por baixo das vestes em “*It happened one night*” (Aconteceu naquela noite, 1934)



Fonte: Cena do filme “*It happened one night*” (Aconteceu naquela noite, 1934).

De acordo Godoy (2015), o primeiro registro de uma camiseta estampada tem data de 1870, quando o proprietário da editora Doubleday, estampou por meio da litografia os uniformes do time de baseball Snickerbockers.

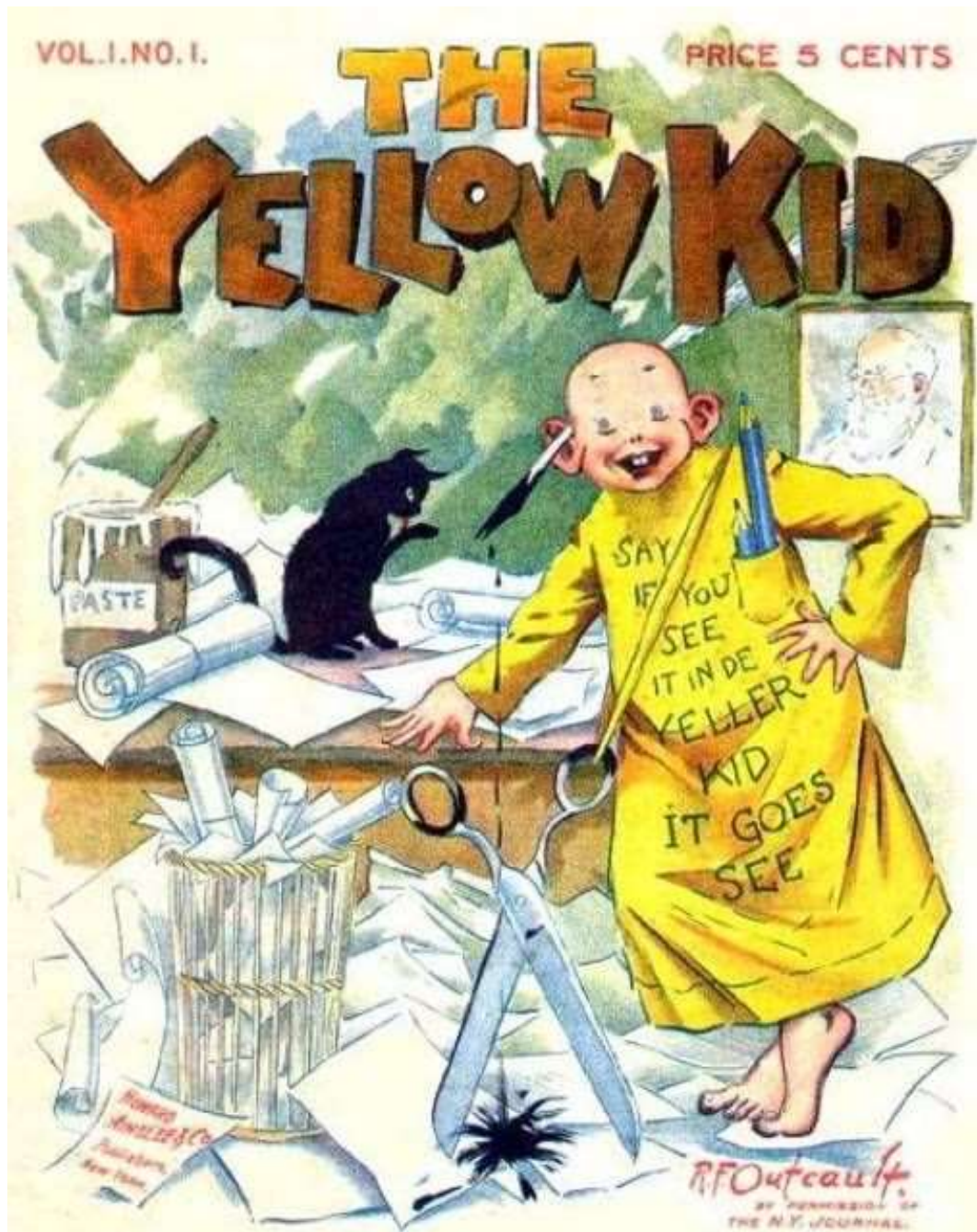
Figura 4 - Time de baseball Snickerbockers



Fonte: Lojas online de camisetas estampadas; Interação e sentido (GODOY, 2015, p. 47).

Segundo Godoy, na série de quadrinhos do ilustrador Richard Felton Outcalt, “The yellow kid” (A criança amarela), de 1897, teve um papel importante na história da estamparia, trazendo como personagem principal de sua história um garoto careca que vestia um camisolão amarelo, os diálogos eram estampados na camiseta do garoto e não em balões ou tarjas.

Figura 5 - Capa do primeiro volume do quadrinho



Fonte: Pinterest.

Décadas depois, já em 1942, a imagem de “roupa de baixo” é quebrada novamente, quando um homem utilizando apenas uma camiseta da escola militar de aviação norte-americana vira capa da revista “Life”. Isso fez que o interesse pelas camisetas aumentasse tanto que um ano depois a Europa já as importava em grandes quantidades.

Figura 6 - Capa da revista Life (1942)



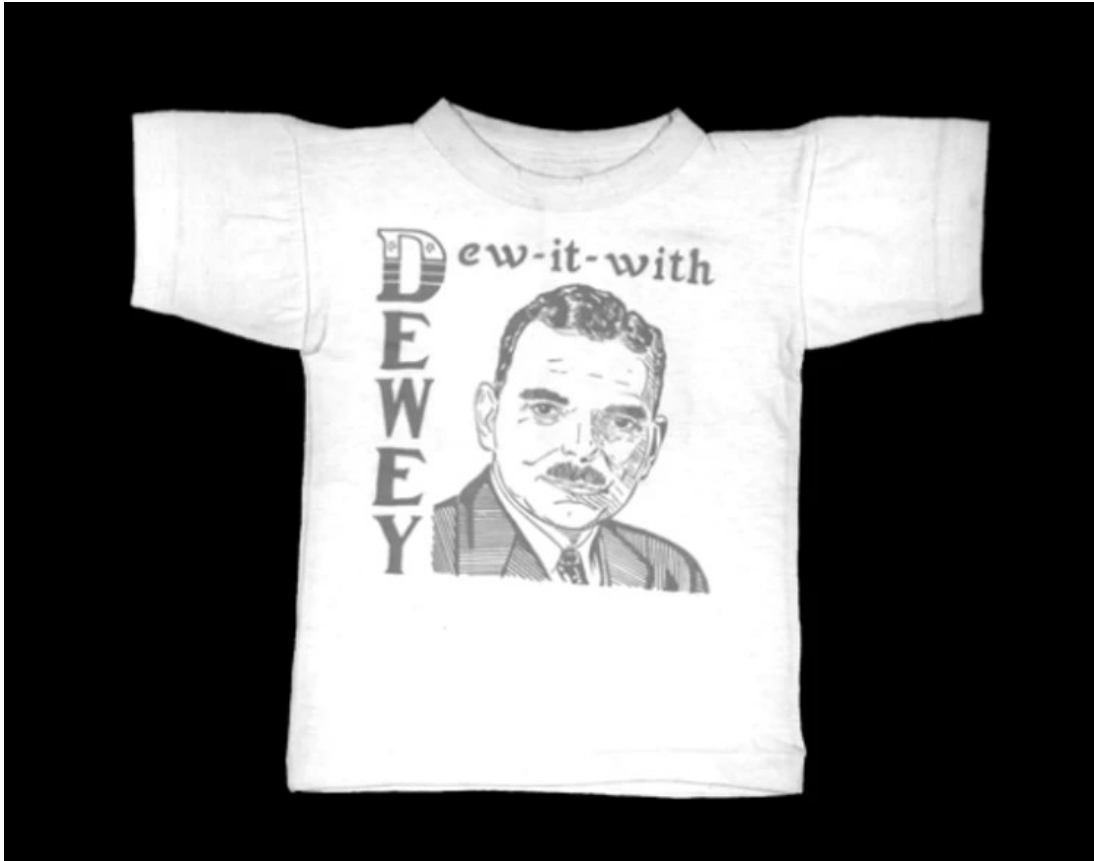
Fonte: Blog Chico Rei.

Todavia, os soldados da Segunda Guerra Mundial percebem que usar uma “t-shirt” branca em meio ao campo de batalha os fazia um alvo fácil, então, os soldados começam a manchar suas camisetas com café e terra até a chegada das novas camisetas tingidas de verde.

A nova possibilidade da estampa e cores fizeram com que as camisetas começassem ser vistas como telas ambulantes em branco, abrindo um leque enorme de expressões e usos possíveis. Segundo o blog Chico Rei, em 1948 o candidato à presidência dos EUA, Thomas E. Dewey se torna o primeiro a explorar a

camiseta como meio de publicidade, estampando a frase “Dew it with Dewey” (Vote em Dewey), slogan de sua campanha.

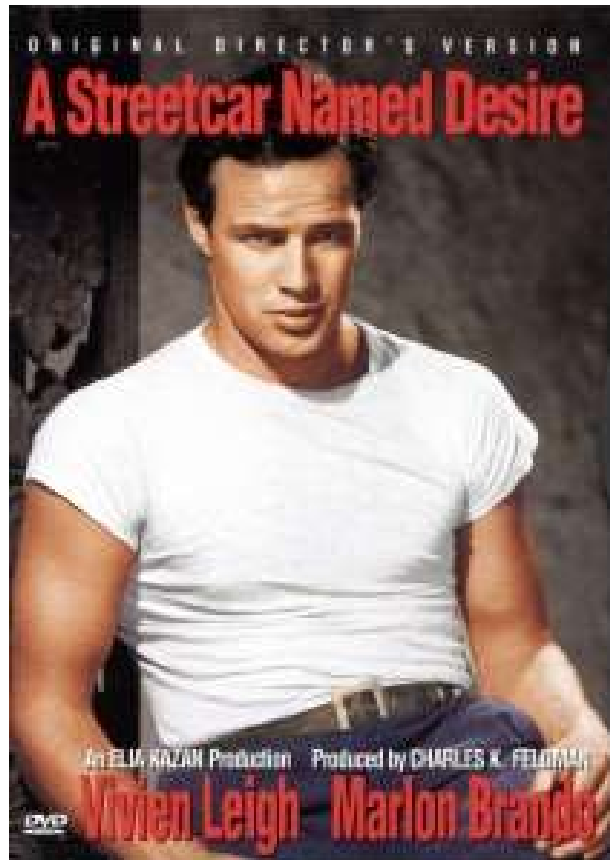
Figura 7 - Camiseta da campanha do candidato Dewey em 1948



Fonte: Blog Chico Rei.

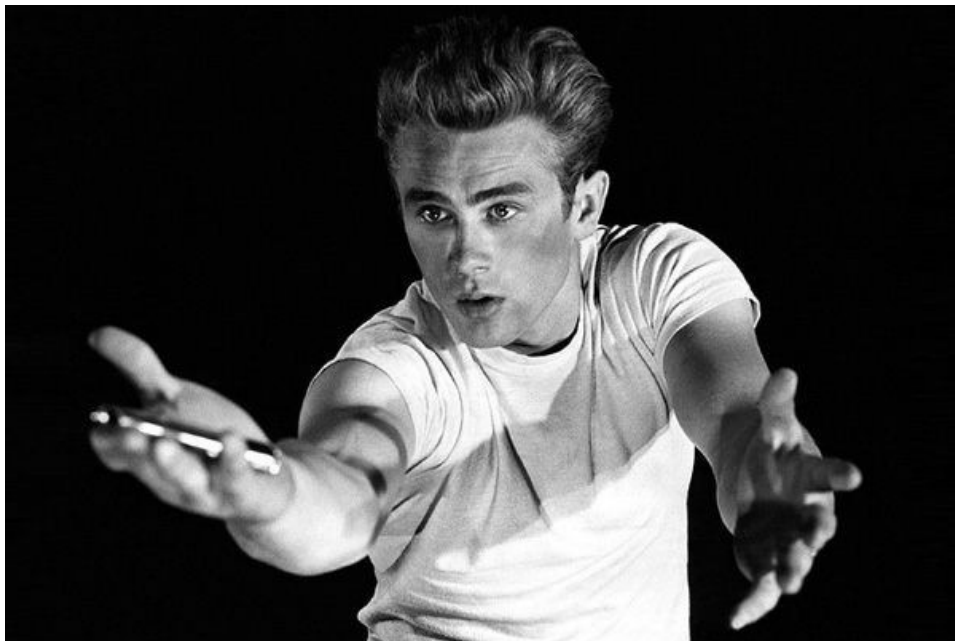
A camiseta começa a ser lançada como um elemento *fashion* quando em 1951, Marlon Brando veste uma camiseta branca no filme “*A Streetcar Named Desire*” (Um bonde chamado desejo). Pouco tempo depois, em 1955, James Dean também aparece vestindo a ainda polêmica *T-shirt* no filme “*Rebel Without a Cause*” (Juventude Transviada), reforçando que as camisetas não eram mais apenas roupa de baixo, popularizando ainda mais seu uso nos EUA e, posteriormente, no mundo todo.

Figura 8 - Marlon Brando em “A streetcar named desire” (1951)



Fonte: Site Dicas de Cinema.

Figura 9 - James Dean em “Rebel Without a Cause” (1955)



Fonte: Site Plano Crítico.

Nos anos 60 as camisetas começam a ser usadas como uma plataforma para

transmitir mensagens, não só como publicidade, mas também como identificação de tribos, valores e estilos próprios. No mesmo ano a serigrafia colorida começa a se popularizar, abrindo portas para a que a camiseta se torne suporte de qualquer tipo de imagem ou mensagem.

Na onda dos movimentos de contracultura, do movimento antiguerra e com a popularização das camisetas como telas para mensagens, os Hippies começam a usar camisetas psicodélicas com mensagens pacíficas, como a famosa frase “*Make love not war*” (Faça amor não faça guerra). No Brasil o equivalente ao movimento Hippie é a Tropicália, que seguia um ideal de moda semelhante ao daquele movimento emergido do exterior. É nessa época que as mulheres passam a também vestir a camiseta, que torna-se então uma peça unissex.

Figura 10 - Grupo Hippie



Fonte: Site Homem Feito.

Nos anos 70 mais ativistas começam se apropriar das camisetas estampando mensagens de protesto. Posteriormente, com a ascensão do movimento punk, o “*DIY - Do It Yourself*” (Faça Você Mesmo) ganha força, reinventando o uso da camiseta como ferramenta de auto-expressão e experimentação, utilizando *patchworks*, *stencils*, letras feitas à mão etc., formando identidades próprias para cada indivíduo.

Em 1974, logo após declarar à revista Rolling Stone que “O sonho acabou”, John Lennon troca suas vestes exuberantes dos Beatles pelo conjunto básico da camiseta, jeans e tênis. (CALDAS; Blog Chico Rei)

Figura 11 - John Lennon na sacada de seu apartamento em NY



Fonte: Site Jovem Pan.

Com a loja Sana, no site Moda de Subculturas, em 1976 a loja de roupas “SEX”, foi uma das marcas pioneiras a utilizar a camiseta como divulgação de bandas, slogans políticos e anarquistas encontrados nos muros de Paris, na tentativa de subverter os valores burgueses através dos figurinos criados pelos proprietários Vivienne Westwood e Malcolm McLaren.

Figura 12 - Vivienne Westwood utilizando a famosa camiseta “Destroy”



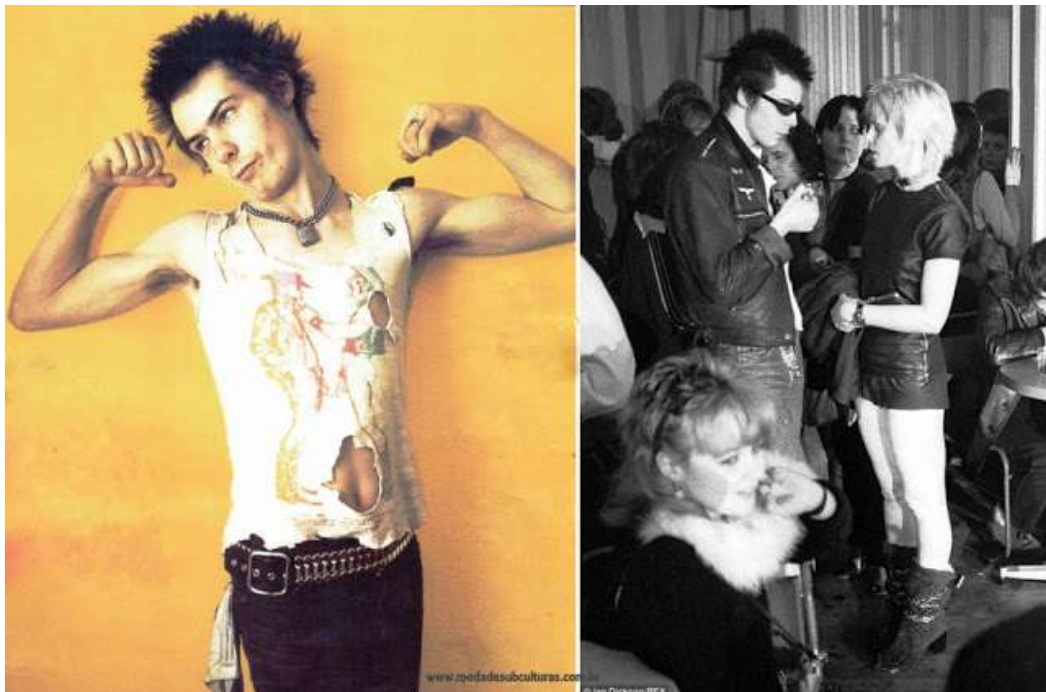
Fonte: Site Moda de Subculturas.

Figura 13 - Algumas das camisetas da loja



Fonte: Site Moda de Subculturas.

Figura 14 - À esquerda Sid Vicious, que foi vendedor da loja. À direita ele conversa com Vivienne Westwood



Fonte: Site Moda de Subculturas.

A banda Sex Pistols foi parte importante para a construção do visual punk inicial. A venda das camisetas da loja aumentou depois da banda aparecer usando as peças nos shows e na mídia.

Ao contrário dos anos 60 e 70, dominados pela ideologia de contracultura dos Hippies e Punks, os anos 80 começam tomados pelos “*yuppies*” (abreviatura de *Young Urban Professional*), jovens bem-sucedidos ligados diretamente à moda da ostentação, num movimento consumista e individualista. As marcas agora passam a ser sinônimo de poder e dinheiro e as camisetas passam a estampar marcas de grandes grifes de moda. Isso faz com que o interesse do marketing se volte à camiseta como um novo nicho de mercado para as massas, chamando com isso a atenção de designers da época para essa nova possibilidade.

Figura 15 - Logotipo criado para promover o turismo em New York (Nova Iorque)



Fonte: Wikipédia.

Autor: Milton Glasser.

No final da década de 1980 surgem os *clubbers*, com origem na Grã-Bretanha, que seguia a mesma linha dos *yuppies*, sem muito cunho ideológico como os movimentos das décadas anteriores, com uma visão mais fashionista da coisa. A cultura club era regada a música eletrônica e roupas chamativas.

Figura 16 - Clubbers



Fonte: Site VICE.

No Brasil a cultura *club* acabou estabelecendo uma série de hierarquias de quem poderia ser reconhecido como *clubber*, dividindo-se a cultura *club* paulistana entre centro e periferia, o que dá origem em meados dos anos 90 ao termo “cybermanos” como forma de identificar os adeptos da música eletrônica e do visual *clubber* na periferia.

Subculturas são formas expressivas, mas o que elas expressam é, em última instância, uma tensão fundamental entre aqueles no poder e aqueles condenados a posições subordinadas e vidas de segunda classe. Essa tensão é expressa figurativamente na forma de estilo subcultural [...] uma forma de resistência em que contradições e objeções experimentadas em relação a ideologia dominante são obliquamente representadas através do estilo. (HEBDIGE, 1996, p. 132 e 133).

Ainda nos anos 90 surgem os “*grunges*”, indo contra os *yuppies* identificados com grandes marcas e grifes. Os *grunges* adotam um estilo com camisas e

camisetas mais largas, sobreposições de peças e estampas, trazendo de volta alguns traços da estética *punk* e dos movimentos das décadas anteriores.

Figura 17 - Visual da época de ascensão do grunge



Fonte: Site Moda de subcultura.

A partir disso começa a era da customização, presente até os dias de hoje. A camiseta se torna uma peça ainda mais democrática, um híbrido de todos os momentos da história, onde cada indivíduo pode expressar o que sente ou pensa. Atualmente, as formas de interferência sobre a camiseta vão desde os serviços expressos de impressão até as interferências feitas manualmente em casa.

Figura 18 - Marca de camisetas autorais do coletivo “Peita Eu”



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto: Rodrigo Bevenuto, 2019.

2. PROCESSO POÉTICO/ PRÁTICA DE ATELIÊ/ CIRCULAÇÃO DE IMAGENS

Meu processo poético de criação começa a partir da reflexão sobre algo, geralmente uma questão interior, sobre mim. Na maior parte das vezes acontece como um *insight* ocasionado pelo que vejo e/ou ouço, algo que toque algum sentimento em particular, por exemplo, desenhos de outros artistas, filmes, poemas e, principalmente, a música.

Dentre as linguagens da arte, a que me proporciona maior fonte de inspiração é a música, em especial o punk e/ou o *hardcore* e suas variações. O punk e o *hardcore* em si têm como característica a coisa de “fazer pensar”, mas um subgênero em especial é o que mais me influencia a isso, o *hardcore* melódico, que ainda tem como principal característica o “fazer pensar”, mas nessa situação, não majoritariamente sobre política, como as críticas do punk e do *hardcore* em si, mas pensar sobre si, pensar como ser humano. Reflexões sobre o bem-estar psíquico e/ou à fuga de si mesmo são questões frequentemente levantadas pelo estilo do *hardcore* melódico e que aparecem em meu trabalho, não só desdobrando-se em alegorias, mas também como citações diretas na forma de frases.

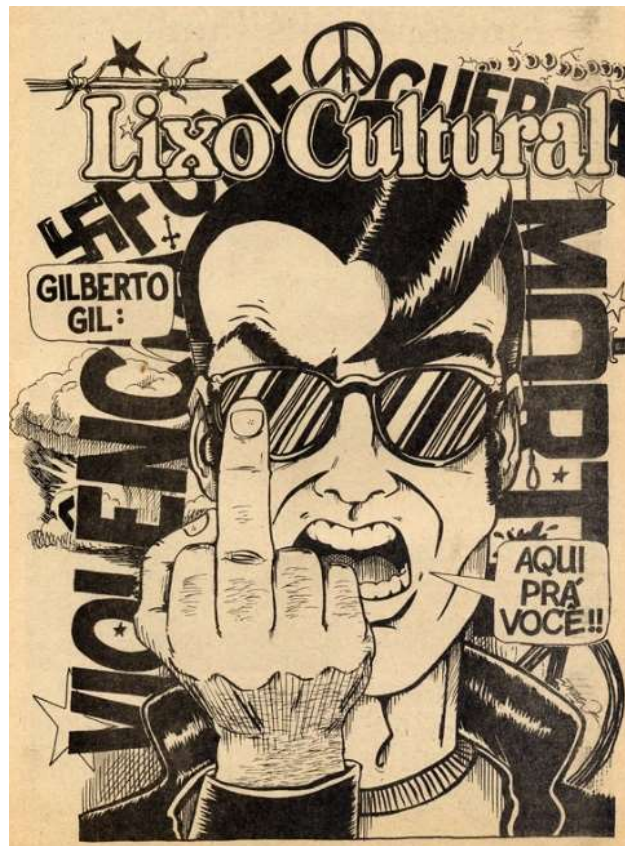
A influência do movimento punk e *hardcore* não está presente apenas na poética do trabalho, toda a visualidade dos trabalhos foi construída a partir de referências visuais dos zines e camisetas feitas à mão e das colagens por meio do xerox, populares na década de 80 do movimento punk brasileiro e de outros movimentos da contracultura. A sujeira da imagem copiada, as hachuras, o preto e branco dos desenhos feitos a mão e até mesmo a disposição dos textos junto às imagens, foram referências importantes para a construção da visualidade dos meus desenhos.

Figura 19 - Zines “SP Punk”, “Alerta Punk” e “Factor Zero!” (Brasil)



Fonte: Site Uol.

Figura 20 - Zine “Lixo Cultural” (Brasil)



Fonte: Site Eddy Teddy.

Figura 21 - Zines “Cadáver esquisito” e “Somos aqueles contra os quais os vossos pais vos avisaram!” (Portugal)



Fonte: Site Sociologia problemas e práticas.

Figura 22 - Zine “Manifesto Punk” (Brasil)



Fonte: Página de usuário do twitter.

Outra coisa muito presente no meu trabalho é o uso da figura de animais como alegorias para sentimentos que quero transmitir na obra em questão. No geral, o interesse pela representação dos animais não foge muito da parte política das minhas referências dos movimentos de contracultura: a não exploração de outras espécies, do veganismo e vegetarianismo, uma questão muito presente não só na música, mas no estilo de vida punk de sustentabilidade. As religiões em geral com suas respectivas alegorias para os animais também servem como fonte de inspiração na hora do uso dos animais em algum trabalho.

Na prática, todo o trabalho começa com um estopim (poema, música, frase, outra obra) que me faz refletir sobre algo ou algum objeto. A partir disso, faço uma pesquisa sobre o objeto, procuro ou crio frases sobre o assunto em que possam me ajudar na construção da obra. Em seguida faço a construção de alegorias que me transmitam o que quero passar.

Já no rascunho inicial do desenho, no papel ou no digital, busco referências visuais, de fotografias ou outros desenhos e a partir dessas referências surgem outras duas etapas: no digital, faço uma colagem misturada com rascunhos que formem algo parecido com que quero no desenho final. No papel, o rascunho começa por pequenos esboços a partir de observação e posteriormente finalizado no papel, ou transportado para o computador para uma finalização digital. Em ambas as situações, o princípio e as técnicas utilizadas são as mesmas. No caso das camisetas, há a preferência pelo desenho digital por uma questão técnica relacionada à facilidade no redimensionamento da imagem e preparação da matriz serigráfica.

Figura 23 - Etapas do desenho



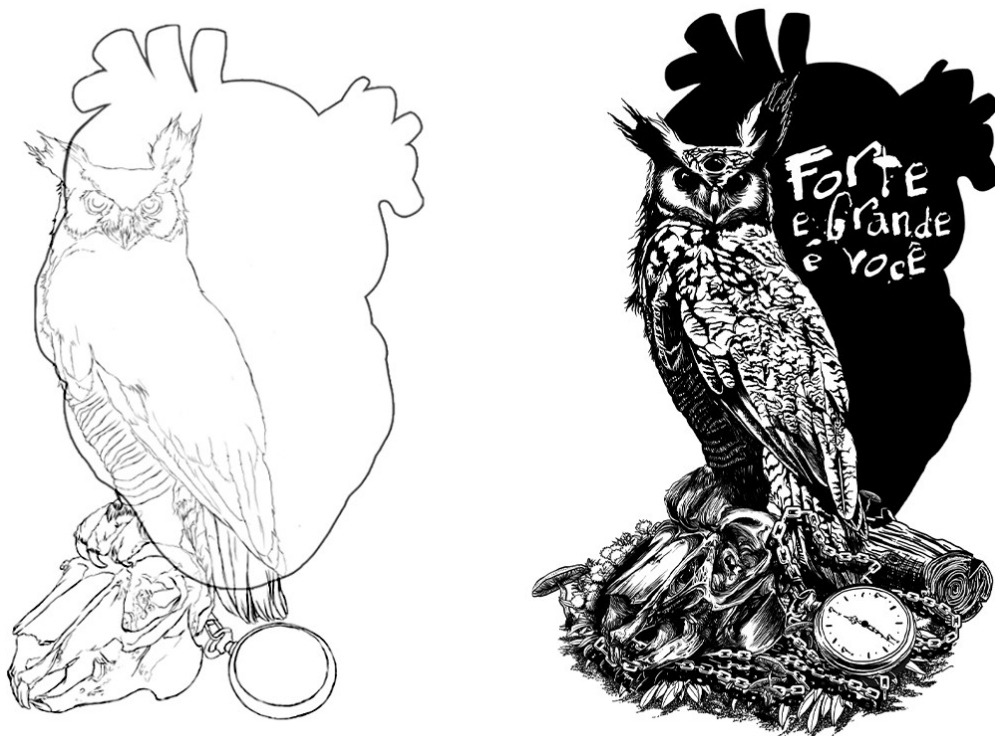
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24 - Etapas do desenho



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25 - Etapas do desenho



Fonte: Acervo pessoal.

A serigrafia foi a técnica que mais me apeteceu, pela questão da reprodutibilidade dos desenhos e, conseqüentemente, surge a ideia de um meio de circulação “não tradicional” dessas obras de arte: a camiseta. Pensando nisso, ao ter a ideia da camiseta como circulação de obras de arte a partir das estampas, um grupo de artistas e eu propusemos a ideia ao meu orientador de TCC. A partir disso, foi ministrada por ele uma oficina de serigrafia para o nosso grupo e todos nós aprendemos o processo da gravação de matrizes para estamparia.

2.1 TÉCNICA SERIGRÁFICA

Figura 26 - Materiais para serigrafia

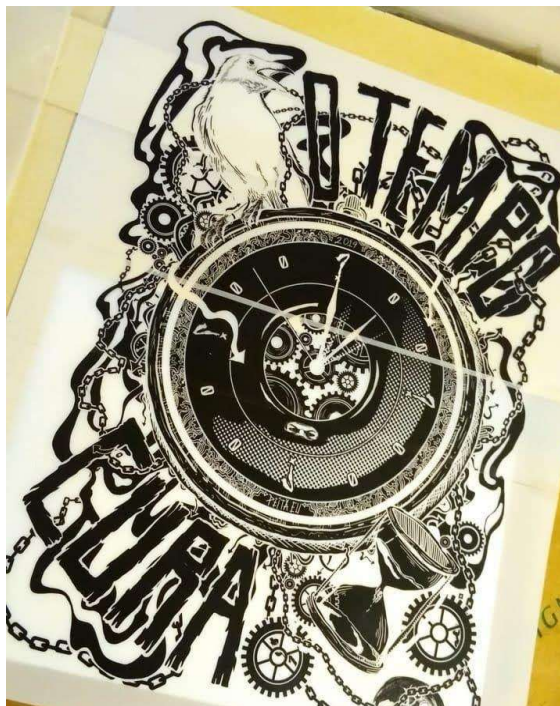


Fonte: Elaborada pelo autor.

No meu processo de trabalho, a serigrafia e o desenho estão interconectados todo o tempo. O desenvolvimento do desenho, a escolha do suporte, o tamanho da peça, as cores, o tipo de tinta a ser utilizada precisam ser definidos ao mesmo tempo em que desenvolvo o desenho.

A impressão dos fotolitos pode gerar uma imagem positiva ou negativa, a depender das cores das tintas e da superfície que se vá utilizar. O tamanho e a qualidade do fotolito interferem diretamente na qualidade da matriz.

Figura 27 - Fitolito impresso



Fonte: Acervo pessoal.

Com o fitolito impresso, o próximo passo é a gravação das matrizes, mas para isso, primeiro é preciso fazer a escolha das matrizes em relação ao tamanho e quantidade de fios (fator este que definirá a resolução máxima e quantidade de tinta presente nas impressões). Para esse tipo de trabalho costumo utilizar as matrizes com 60 fios; essa quantidade de fios é suficiente para detalhes maiores, mas costuma ocasionar a transformação de alguns detalhes muito pequenos, que em certas áreas do desenho geram novas pequenas composições, traços imprecisos e novos detalhes. Com a prática, comecei acolher e me interessar mais por esses pequenos acasos proporcionados pela escolha da quantidade de fios da matriz, incorporando isso no trabalho e muitas vezes fazendo detalhes que eu já sei que se perderão, buscando que esses acasos aconteçam propositalmente.

As matrizes nada mais são do que quadros de madeira ou de metal cobertos por uma manta de nylon bem esticada; sobre essa manta é aplicada uma emulsão fotossensível que, depois da secagem, é justaposta ao fitolito e exposta a uma fonte de luz UV. Essa luz, ao atravessar as áreas transparentes do fitolito, fará com que a emulsão polimerize e vede a tela; as áreas protegidas da luz pela imagem impressa

no fotolito continuarão solúveis em água e serão levadas pelo banho de revelação da matriz.

Figura 28 - Manual para serigrafia 1 - Preparação da tela



Fonte: Elaborada pelo autor.

- 1) Misturar a emulsão com o sensibilizante;
- 2) Colocar a solução na calha;
- 3) Aplicar a solução dos dois lados da tela;
- 4) Esperar a solução secar em local escuro;
- 5) Preparar o fotolito;
- 6) Sobrepor o fotolito na matriz e prender com fita adesiva;
- 7) Expor a tela à luz UV por aproximadamente 1 minuto e meio;
- 8) Remover com água a solução não polimerizada pela luz UV.

Figura 29 - Matrizes antes da gravação



Fonte: Acervo Pessoal.

Autor: Foto de autoria própria.

Figura 30 - Mesa de Luz



Fonte: Acervo pessoal. **Foto:** Maria Angélica Chiang.

Figura 31 - Queima da matriz



Fonte: Acervo pessoal. **Foto:** Maria Angélica Chiang, 2020.

Figura 32 - Revelação da matriz



Fonte: Acervo pessoal. **Foto:** Maria Angélica Chiang, 2020.

Figura 33 - Gravação da tela



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 34 - Lavagem das telas



Fonte: Acervo Pessoal. **Foto:** Maria Angélica Chiang.

Figura 35 - Fotolitos já impressos na matriz



Fonte: Acervo pessoal.

Com tudo pronto, chega a hora da preparação dos materiais usados para a estamparia: A tinta, os rodos, e na condição ideal, os berços e registros para que tudo saia da maneira perfeita.

No nosso caso, todo esse trabalho é manual, ainda nos falta um ateliê com os berços e registros para que tudo saia de uma forma mais rápida e segura, fazemos tudo no improviso e onde tivermos espaço. Começamos as primeiras peças utilizando um dos laboratórios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde posicionamos as camisetas numa bancada com a superfície lisa, e, em seguida, fazemos o posicionamento das matrizes de maneira manual sobre cada peça individualmente.

Figura 36 - Preparação das peças para estamparia



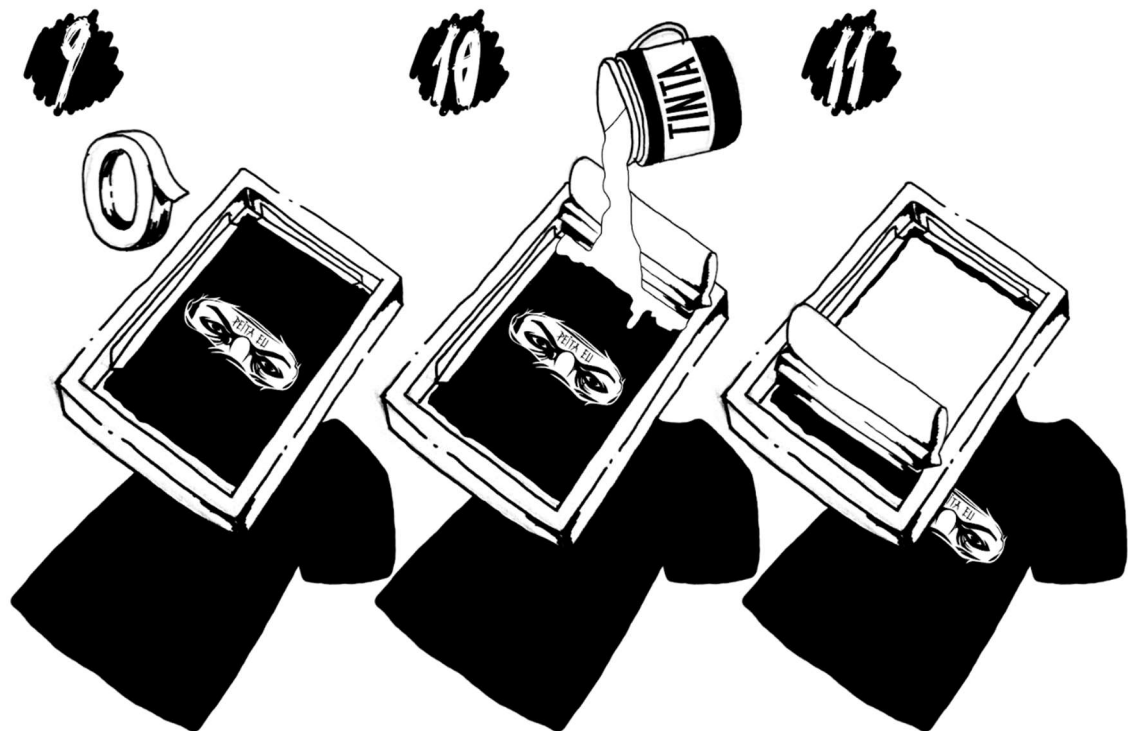
Fonte: Acervo pessoal.

O próximo passo é a impressão, é nessa hora em que tudo acontece de fato. Todo o trabalho anterior, o rascunho, o desenho, os detalhes e ajustes feitos no computador se transformam em algo real.

O primeiro passo após a preparação e o posicionamento das camisetas na bancada de trabalho é prendê-las de alguma forma para que não haja movimentação na hora da impressão, no nosso caso, fazemos isso com fita crepe. Em seguida, se coloca uma chapa de papelão no interior da peça para que não aconteça o vazamento da tinta para a face oposta da impressão, (lembrando que isso só é necessário porque não temos os equipamentos ideais para estamparia). O próximo passo é a impressão de fato, onde se coloca a tinta sobre um dos lados da

tela e a posiciona em cima da superfície onde o desenho vai ser impresso; por segurança fazemos sempre a primeira impressão em um papel de teste.

Figura 37 - Manual para serigrafia 2 - Impressão



Fonte: Elaborada pelo autor.

- 9) Com a tela seca, veda-se as extremidades com fita adesiva para evitar que a tinta vazze pelas bordas da tela e para que a lavagem da tela seja mais fácil;
- 10) A tinta é colocada numa das extremidades da matriz, onde a matriz esteja totalmente vedada;
- 11) A tinta é aplicada sobre a camiseta com o auxílio do rodo, passando pelas aberturas da tela. Depois da impressão, é importante fazer a lavagem da tela antes que a tinta seque, evitando entupimentos e permitindo sua reutilização.

Figura 38 - Teste de estampa no papel



Fonte: Acervo pessoal.

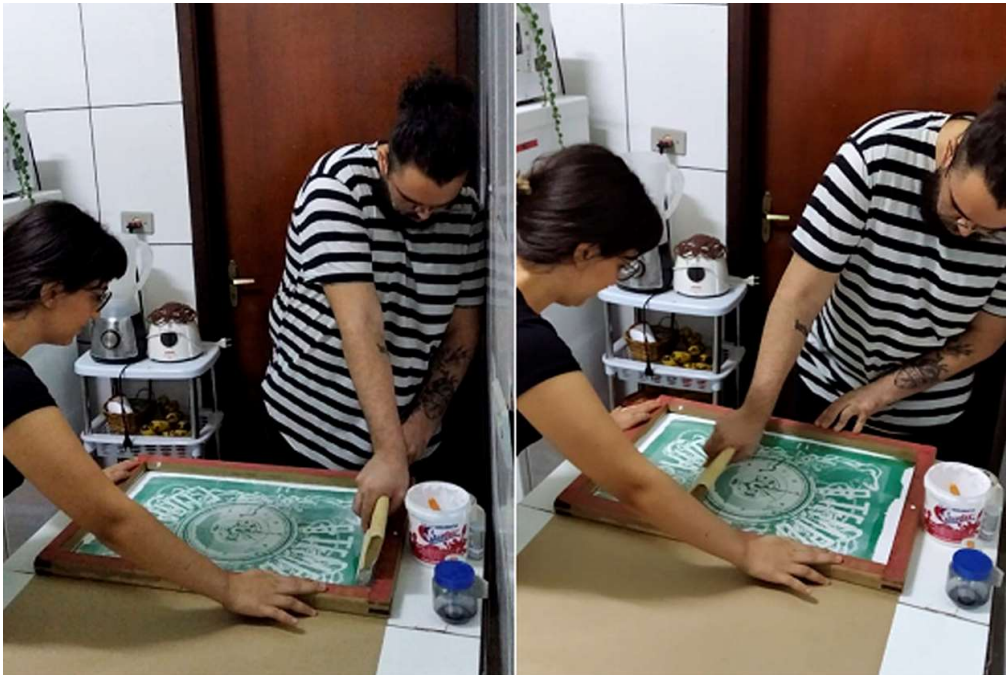
Figura 39 - Teste de estampa no papel 2



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto: Bárbara Borges de Almeida.

Figura 40 - Teste de estampa no papel 3



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto: Bárbara Borges de Almeida.

Figura 41 - Resultado da impressão em papel



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto: Bárbara Borges de Almeida.

Figura 42 - Camisetas na bancada de trabalho



Fonte: Acervo pessoal.

Como último passo, a secagem das tintas. É comum o uso de sopradores térmicos para auxiliar a secagem da tinta nas camisetas. Essa secagem pode variar de acordo com o tipo de tinta que se usa. No nosso caso, utilizamos a tinta à base de água, que pode secar completamente em temperatura ambiente, porém, há também tintas como as plastissol, que precisam de uma estufa para a secagem completa.

Figura 43 - Camisetas estampadas e secas



Fonte: Acervo pessoal.

2.2 DISTRIBUIÇÃO/ VENDA/ CIRCULAÇÃO

A ideia da criação de uma marca de camisetas veio da carência local desse tipo de trabalho nos grupos sociais em que convivemos. Queríamos movimentar a cena local e criar um canal de extroversão para as criações do nosso grupo de artistas, a partir daí fizemos nossos desenhos circularem na forma de estampas de camisetas. A proposta da marca é ter um coletivo de artistas, com traços, estilos e temáticas diferentes uns dos outros, para que, dessa maneira, possamos atingir mais pessoas e realmente movimentar as coisas.

Figura 44 - Logotipo da marca



Fonte: Acervo pessoal.

Autor: Coletivo Peita Eu.

O objetivo seria alcançar primeiramente as pessoas mais ligadas à cena cultural local e, num projeto futuro levar nosso trabalho para outros estados do país, para outros grupos. Como estudantes de artes visuais e artistas em atividade buscamos estimular a autogestão¹ dos artistas e a não terceirização mal remunerada, como acontece com profissionais que revendem suas artes para sites especializados.

Para conseguir atingir esse público, usamos dos eventos culturais já existentes na cidade: festas, bares, feiras de rua. Formamos parcerias com esses locais/eventos e com outros artistas da cena cultural local, tentando estar presentes no maior número possível de lugares, para aumentar a visibilidade do trabalho e, consequentemente, a venda e circulação das camisetas em outros espaços.

¹ Entende-se por autogestão um princípio de organização social baseado na cooperação entre as várias pessoas que fazem parte da totalidade de determinada atividade, sejam elas atividades econômicas, produtivas, administrativas, políticas, culturais etc. (GUERRA, Luiz Antonio, [s.d.])

Figura 45 - Camisetas expostas na feira de rua São Chico, em Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 46 - Camisetas expostas no Rotunda Bar, em Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 47 - Camisetas expostas no Bar da Tia, em Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 48 - Show da banda Projeto Kzulo



Fonte: Acervo pessoal.

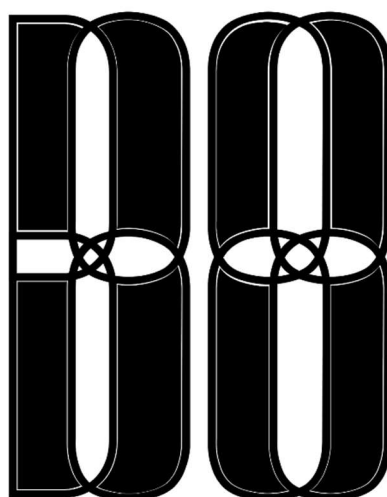
Além dos espaços já existentes, nos fizemos presente também em novos eventos culturais que surgiram na cidade durante esse período. O maior exemplo disso foi a I Bienal do Centro do Mundo, organizada pelos membros do Coletivo DODO, grupo em que dois dos membros da marca também fazem parte.

O Coletivo DODO nasce a partir do desejo latente de artistas visuais que buscam habitar, (re)existir em espaços urbanos inacabados, abandonados e esquecidos, que encontram nesses espaços potencialidades, ressignificando-os e transformando-os em espaços ativos, que abriguem acontecimentos, que gerem uma sensação de pertencimento.

O coletivo traça uma cartografia de lugares possíveis de se constituir como espaços com/para Arte, a partir da pesquisa e mapeamento desses espaços na cidade de Campo Grande, reivindicando o uso de espaços públicos e materializando essa reivindicação em ação coletiva de transformação. DODO ocupa com fotografias, videoinstalações, performances, instalações, desenhos, pinturas, com Arte, com vida.

DODO é ação direta entre Arte e Vida. DODO é reivindicação de pertencimento à sua própria cidade.

Figura 49 - Logotipo do Coletivo DODO



Fonte: Acervo pessoal.

Autor: Coletivo DODO

A I Bienal do Centro do Mundo foi um acontecimento expositivo, realizado de maneira intensa, que ocorreu durante um único dia no edifício em construção/ruína

conhecido como Centro de Belas Artes de Campo Grande (localizado no final da Orla Morena, av. Ernesto Geisel, sem número). A proposta, estendida à participação espontânea de artistas e coletivos, consistia em reivindicar para o edifício o uso ao qual foi destinado, e dessa forma tornar-se finalmente um lugar público de acolhimento às diversas manifestações artísticas dos cidadãos de Campo Grande, do Centro-Oeste, do Brasil.

Estamos à procura de 'espaços' (geográficos, sociais, culturais, imaginários) com potencial de florescer como zonas autônomas – dos momentos em que estejam relativamente abertos, seja por negligência do Estado ou pelo fato de terem passado despercebidos pelos cartógrafos, ou por qualquer razão. A psicotopologia é a arte de submergir em busca de potenciais TAZs. (BEY, 1985)

Figura 50 - Camisetas expostas na I Bienal do Centro do Mundo, em Campo Grande/MS



Fonte: Acervo pessoal.

Autor: Foto de autoria própria.

Outro projeto em que a marca Peita Eu esteve presente foi o Mostra tua arte, idealizado pelo VJ Kauê Lima, que em meio a pandemia do novo COVID-19 de 2020, resolveu utilizar a lateral de um prédio em Belém como palco de projeções de obras de artistas do Brasil inteiro. O projeto funciona simultaneamente em diversas

plataformas digitais, contribuindo com a divulgação em nível mundial para os trabalhos de quem participa.

Figura 51 - Projeção do projeto Mostra tua arte, em Belém (PA)



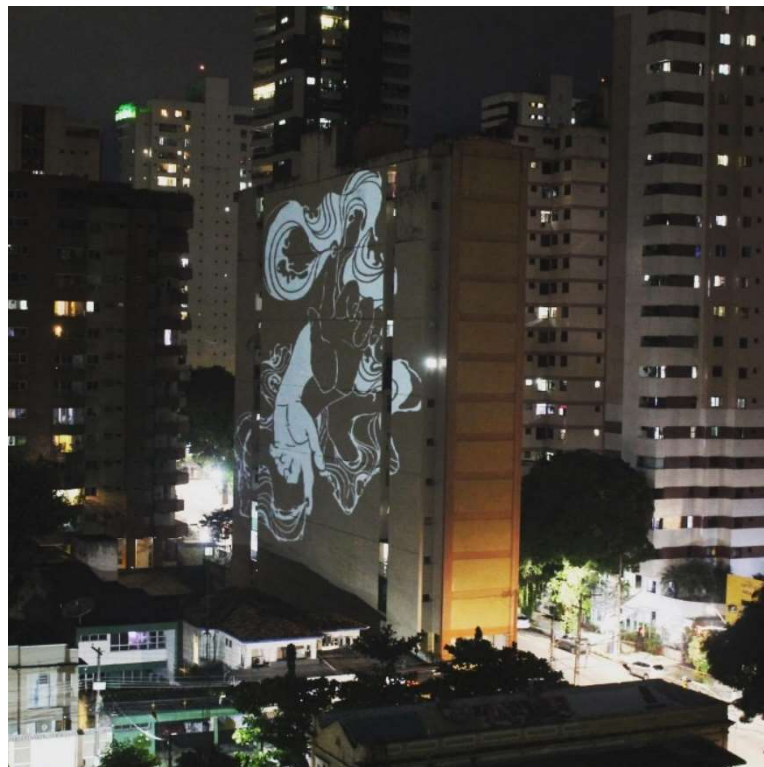
Fonte: Página do projeto no Instagram.

Figura 52 - Projeção do projeto Mostra tua arte, em Belém (PA)



Fonte: Página do projeto no Instagram.

Figura 53 - Projeção do projeto Mostra tua arte, em Belém (PA)



Fonte: Página do projeto no Instagram.

Figura 54 - Projeção do projeto Mostra tua arte, em Belém (PA)



Fonte: Página do projeto no Instagram.

A circulação da marca Peita Eu faz parte de uma vontade de difundir a ideia da roupa customizada como expressão artística e é um convite a experimentar a autossuficiência enquanto produtor independente.

Figura 55 - Próxima coleção da marca *Peita eu* (simulação digital)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 56 - Simulação com desenhos do autor



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.3 CONJUNTO DE OBRAS FINAIS

Elaborei algumas experimentações durante o segundo semestre de 2020 para este trabalho. A principal ferramenta utilizada foi o desenho digital. O objetivo dos estudos foi perceber qual seria a melhor visualidade para os trabalhos finais, tendo em vista que posteriormente os mesmos serão utilizados como estampas de camisetas.

Seguem as experimentações:

Figura 57 - Forte e grande é você

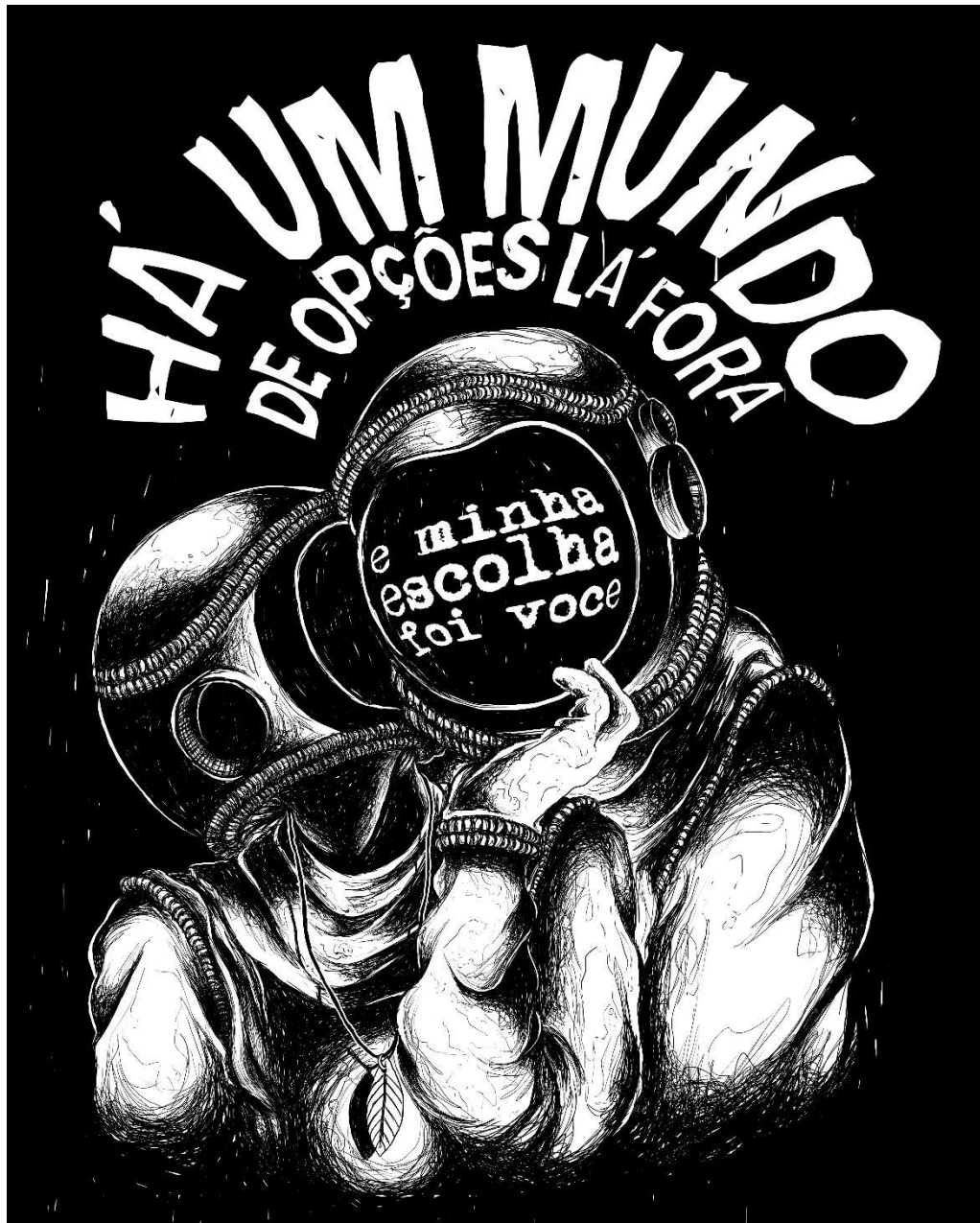
(elaborada a partir da música "De ET pra ET", da banda Cólera)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 58 - Minha escolha foi você

(elaborada a partir da música "Contando os dias", de Tor Tautil)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 59 - Me gustas tu

(elaborada a partir da música "Me gustas tu", de Mano Chao)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 60 - Vida Loka Hardcore

(elaborada a partir da música "Vida loka hardcore", da banda D.P.R.)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 61 - Cabreiro

(elaborada a partir da música "Cabreiro", da banda Tonelada)



Fonte: Elaborado pelo autor.

A seguir, apresento o conjunto final de obras propostas para este trabalho de conclusão de curso. Assim como no conjunto de obras experimentais apresentadas acima, utilizei nelas trechos de músicas que me inspiram no cotidiano.

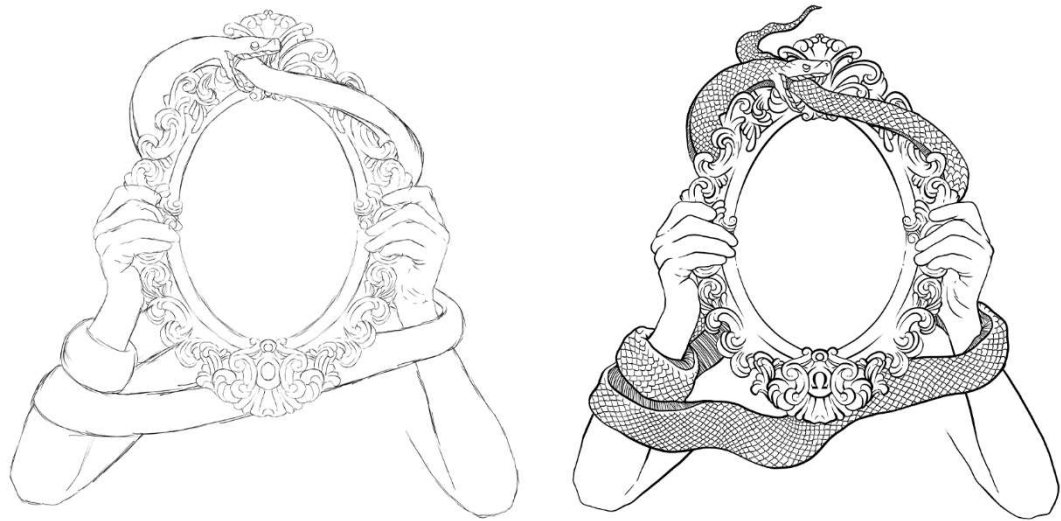
Figura 62 - Sou o espelho de onde vou



Fonte: Elaborada pelo autor.

A obra “Sou o espelho de onde vou” foi feita, assim como boa parte dos meus trabalhos, com base em uma música que em algum momento se faz importante na minha trajetória, nos meus caminhos.

Figura 63 - Rascunho "Sou o espelho de onde vou"



Fonte: Elaborada pelo autor.

A música em questão se chama “Ômega”, da banda Omega Cobra, formada por três remanescentes da cena punk de Porto Alegre, formada, como dizem os próprios integrantes, para celebrar “(...) o inacessível da alma. As experiências de história de Velho de Câncer, Damn Laser Vampires e Vírus Korrosivus juntam-se a busca do novo som.”

Ômega

“Sou o espelho de onde vou
Vi o monte abrir
Vi o tempo passar,
Vi o Ômega

Paz
Ao pegar o som
Com as mãos
Com as mãos

Quem não passou do final?
Do final?

Liga o som e recebe
O que som nos deixou
Que tempo me leve
Vou pro tempo e sou o tempo

Entende o sinal
Quem é o final?” (COBRA, 2020)

A ideia de usar essa música como base do meu trabalho veio a partir da ligação que eu tinha com o vocalista da banda, Zé Ulisses, que anteriormente fez

parte do Velho de Câncer, banda que marcou uma parte importante da minha vida e que ajudou a trilhar meus caminhos de reflexões pessoais até aqui com suas letras.

Cada elemento é algo que se fez importante para essas construções. O espelho, que reflete seu interior onde você esteja e a convicção do quão forte e importante é ser você. O relógio representando o tempo que foi usado até a concepção de todos esses caminhos. A misticidade da Ouroboros, a serpente que morde sua própria calda, representando o conceito de eternidade e a constante evolução e movimento de vida. As correntes que de certa forma te ligam e te aprisionam nesse interior. As flores como adornos que enfeitam esse caminho.

Zé Ulisses (Omega Cobra) sobre sua relação com a música:

“- Eu acredito que existe uma grande energia, que conecta, céus, terras, criaturas, ventos, mares. E é algo que é muito difícil em transformar em algo concreto, algo que a gente possa descrever, possa ver. Mas várias vezes na nossa existência a gente percebe, seja em um insight, seja em algo que a gente entende ou seja em momentos de contemplação, enfim. Quando a gente percebe que a gente tá ligado a algo muito maior que a gente, que essa energia, essa existência é muito mais que nossa vida, que nossa cidade ou coisas concretas, muito mais que nosso trabalho ou realização pessoal, é algo maior que a gente. E esses insights esses momentos que a gente percebe isso eu gosto de chamar de “Mistério”, são momentos em que a gente entra num mistério.

Eu acredito que arte é como um captador dessa coisa chamada mistério, no sentido de transformar isso em algo mais concreto para nós, pra gente pode assimilar. E pra mim, é por isso que através da arte a gente consegue ir a lugares muito profundos dentro de nós, ou de conexões, e é por isso que pra mim a arte quebra vários conceitos em nós humanos, nos torna mais livres, quebra correias, cadeias em nós. E pra mim a arte de todas as formas é algo que nos conecta ao universo e nos dá um sentido maior que a nossa existência. Quando eu faço música eu tento perceber a música que o mundo tá vibrando, o som que o mundo tá vibrando pra tentar captar isso e transformar em algo que eu consiga expressar, algo que eu consiga me elevar, consiga ir pra um lugar mais profundo.”

Zé Ulisses sobre meu trabalho baseado em sua música:

“- Pra mim a arte que você faz representa a liberdade, como se fosse um estandarte levantado no meio do mundo em que revelasse o seu coração e através disso prisões vão sendo despedaçadas. Isso vem tocado outras pessoas e digo isso porque acredito que o que você fez tá relacionado aos seus relatos pessoais, de ter convicção de quem você é e saber que isso é muito forte, isso é muito profundo e isso traz a revelação de si mesmo pra muita gente.”

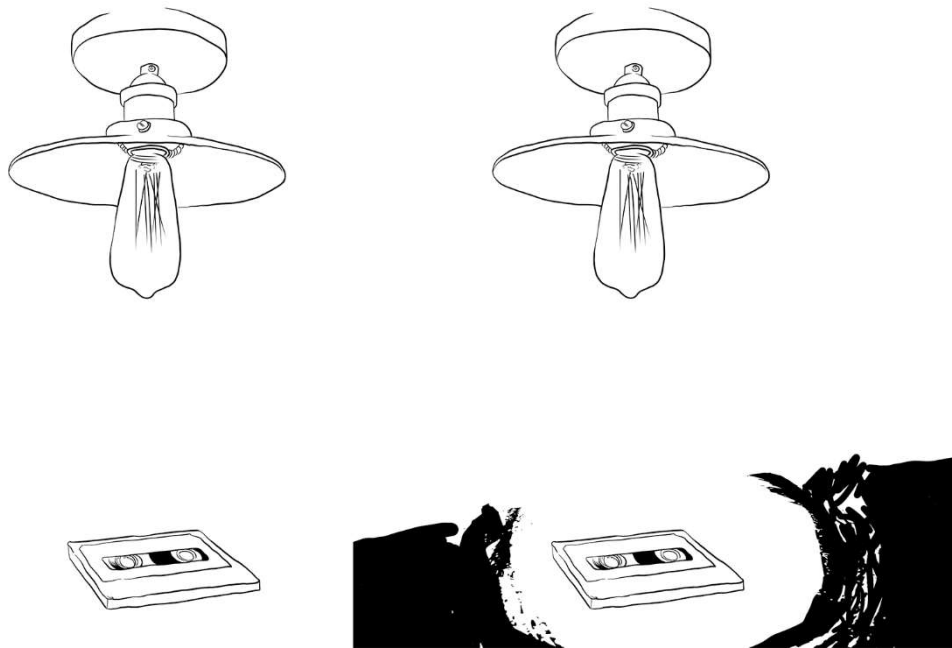
Figura 64 - Eu moro no momento



Fonte: Elaborada pelo autor.

A obra “Eu moro no momento”, de mesmo título da música que a inspirou, do poeta Iuri Lucas, surgiu da compreensão que sinto com o trabalho do Iuri, que conheci nos bares da vida em meados de 2017 e com quem tive uma grande identificação em alguns caminhos de vida que vivíamos.

Figura 65 - Rascunho "Eu moro no momento"



Fonte: Elaborada pelo autor.

Essa obra, assim como todos meus trabalhos atuais, fala sobre mim, sobre a importância de estar aberto, de estar bem consigo mesmo, de ter consciência do que quer trilhar, de “estar com a luz acesa” para receber visitas dentro desse espaço tão importante que é nossa mente, nossos sentimentos, nosso coração.

A fita solitária em cima da mesa é a representação da música e dos movimentos *underground* em minha vida, um ponto em comum com a vida do poeta Iuri.

EU MORO NO MOMENTO

“São minhas palavras
Não sei se elas importam tanto
Esse costume de compor sozinho

O acolhimento de antigas casas
Eu me transporto por meu ninho, meu recanto
O céu aberto, sinto o abrir das asas

E o caminho se resume a cadência do RAP
E a saudade de antigas casas
As coisas mudam, rasas ou profundas as mudanças
São heranças de antigas casas

Embaçado como o passado embasa
A cor do telhado da minha casa
E como essa cor casa com as cores
Da Faixa de Gaza

Eu moro no momento
e no momento eu choro
São goteiras em minha casa
Eu imploro: Tristeza, vaza.

Várias guerras por dia
Casas caídas, porque o medo vicia
Projeto de futuras gomas embaixo da cama
Meus sonhos disputando espaço com baganas
A sensação é de casa vazia.

Podia me matar, o suicídio tá em pauta
"Mas o que ia me sobrar?" Minha consciência ressalta
Essas fitas as vezes irrita a cabeça dos loucos
A vida te enche de soco, cê só pensa em dar o troco

Mas aí eu raciocino
Sou o arquiteto dessa obra
Derrubo a casa no sopro
Estou no domínio do que sobra

E a gente se desdobra pra construir uma nova
E o alicerce dessa desmerece a pressa
Dessa vez inova, e aproveita a vista
Cada momento é prova pra uma conquista

Não vou pular dez casas caso o prazo me tire da lista
Por sinal minha casa atual recebe surpresas
Há dois dias a febre era dureza,
Hoje alimentos são postos à mesa
Pra receber visitas é bom estar com a luz acesa." (LUCAS, 2020)

Figura 66 - Minha tristeza não é segredo



Fonte: Elaborada pelo autor.

“Minha tristeza não é segredo” foi mais uma obra inspirada no trabalho do poeta Iuri Lucas, que na música “Solo quente”, conta um pouco sobre sua trajetória de vida e algumas de suas aflições internas.

SOLO QUENTE

“Morte e vida severina
Botina suja de barro
Em busca algo novo
Um burro como carro.

Um sonho ainda imaturo
determinando passos.
Percorrendo os espaços
do velho porto seguro.

Desde cedo tromba o sol quando ainda morno
Mancebo honesto olhou pro resto
sem aceitar suborno.
Começa nova era, a descoberta da vida.
O tempo não se recupera, só existe a ida

E com a visão das matas
Fujo da corrida de ratos.
Instinto primata, uma ideia surge mesmo sem palavras
Vida real.
A emoção com a resposta da decisão final.
Mochila pesada nas costas
Meu mano do céu
A resposta pro mundo? Poesia em cordel.

E no caminho
dança junto a solidão
e num cortejo
pede uma canção, a chuva que traria comunhão.
Ausente no concerto estabelece a condição.

O tabuleiro é do burguês e o bispo cobiça a rainha
E todos invejam os reis.
Haverá traição

Pro mundão eu sou um qualquer,
Uma terceira pessoa
Em devaneios trombei meus coroas:
- Pai, mãe, careço de saber
porque estou aqui.
Não esqueço meu dever, ele vou cumprir.
Mas a vida veio dizer: Tudo tem um preço.

Minha tristeza não é segredo,
Eu posso mudar esse enredo,
Não quero ser um Alvares de Azevedo
É preciso força e estratégia.
Pra uma lida eficaz e sem tragédia.
Assim saí pra vida cedo.

O desconhecido é bem maior que o meu medo
O sol do meio dia não será menos quente.

Não sai da mente o Leo falando:

- Eai, lurão, disposição ladrão? Pra caminhar no solo quente.” (LUCAS, 2020)

A caminhada, a dúvida, a solidão, foram questões na música em que me identifiquei e resolvi então produzir esse trabalho. O livro aberto, sem segredos, mostrando a todos seus anseios e medos e ajudando as pessoas a se sentirem compreendidas é o principal objetivo dessa obra.

Figura 67 - rascunhos "Minha tristeza não é segredo"



Fonte: Elaborada pelo autor.

Iuri Lucas sobre sua relação com a música:

“- Eu vejo que dentro de mim sempre existiu um rádio, sempre me foi trazido para minha realidade a música no geral, a música gospel, o rap, foram as duas principais vertentes que iniciaram em mim uma relação profunda e íntima com a música, que é essa melodia toda, esse trabalho harmônico dentro dos ruídos do que a gente pode ouvir e pode ser produzido pela natureza.

Então aconteceu comigo assim, desde muito cedo, e essa relação acontece na hora que eu vou ‘trombar’ eu mesmo, sabe? Quando você se depara com a sua verdade. Isso acontece muito comigo, é como quando eu estou ouvindo Miles Davis ou quando estou ouvindo Emicida, é algo que acontece numa intimidade que a gente não consegue descrever. Eu ousar dizer que isso é semelhante a sensação de uma oração, porque quando estamos diante de Deus a gente se abre, a gente se despe. Então acho que esse sentimento de despir-se é algo que acontece na minha relação com a música, seja numa vontade de dançar, ou numa vontade de fazer o som. A rima é isso.”

luri Lucas sobre meus trabalhos baseados em suas músicas:

“- Eu percebo que a vida é difícil pra todo mundo mesmo, entendeu? Pra uns as dificuldades se expõem de certa maneira que elas crescem de tamanho e dentro da sua imaginação. Acho que nós somos parecidos em alguns pontos, em outros desconheço, e em muitos outros não temos nada a ver, cada ser humano é um indivíduo.

Quando eu vejo você eu vejo um pouco de mim, na hora de tentar ser compreendido, “eu quero ser compreendido e considerado, e se possível, também amado” (Jorge Ben).”

2.4 MOCKUPS (SIMULAÇÃO) DAS OBRAS ESTAMPADAS EM CAMISETAS

Figura 68 - Mockup com as artes finalizadas



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 69 - Mockup "Eu moro no momento"



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 70 - Mockup "Sou o espelho de onde vou"



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 71 - Mockup "Minha tristeza não é segredo"



Fonte: Elaborada pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das estampas combinou diferentes técnicas e saberes com os quais tomei contato nas disciplinas da graduação em Artes Visuais. Todavia, a relação entre esses saberes e minhas experiências cotidianas é que gera o impulso para a busca e experimentação de outros espaços e circuitos de extroversão artística além do museu.

A pesquisa histórica sobre os usos da camiseta e suas estampas me conferiu maior consciência sobre a produção artística que proponho neste trabalho de conclusão de curso.

As obras criadas para este trabalho foram de extrema importância para a continuidade do caminho trilhado até aqui e pretendo continuar seguindo como artista. Além disso, quero que meus desenhos convidem à compreensão de si mesmo e mostrem possibilidades de como enfrentar os problemas e medos que habitam nosso interior.

Propor esse trabalho e envolver diretamente a música na produção das obras me fez viver oportunidades não cogitadas, como ter conseguido contato com músicos que fazem parte da minha *playlist* diária. Além disso o retorno recebido por esses artistas foi algo que me deixou muito orgulho e com o sentimento de que estou em um bom caminho.

Dividir a experiência adquirida na estamparia de camisetas – com as dificuldades de um ateliê improvisado e da distribuição/circulação independente – faz parte da vontade de “ver acontecer” e fomentar esse tipo de ação, não só nos ambientes institucionalizados, mas também naqueles que ainda estão por existir, ainda que de forma efêmera.

REFERÊNCIAS

BEY, H. **TAZ Zona Autônoma Temporária**. Tradução de Patricia Decia & Renato Resende. [S.l.]: [s.n.], 1985.

CEIA, C. **Sobre o conceito da alegoria**, n. 10, 1998.

GODOY, J. **Lojas Online de Camisetas Estampadas; Interação e sentido**, Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n8sns5n>>. Acesso em: 2020.

HEBDIGE, D. **Subculture: the meaning of style**, Londres, 1996.

BEN, Jorge. **Charles JR**. Philips Records, 1970. Disponível em: https://youtu.be/B_wM524-lvQ. Acesso em 25 nov. 2020.

CÓLERA. **Cultural Revolução**. EAEO records, 1998. Disponível em: <https://c-o-l-e-r-a.bandcamp.com/track/cultural-revolu-o>. Acesso em 25 nov. 2020.

COBRA, Omega. **Ômega**. Porto Alegre: Estúdio Thung, 2020. Disponível em: <https://omegacobra.bandcamp.com/album/omega-cobra>. Acesso em 25 nov. 2020.

LUCAS, Iuri. **Solo Quente**. São Paulo: Gravadora independente, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hfLS7ZvZuN8>. Acesso em 25 nov. 2020.

LUCAS, Iuri. **Eu moro no momento**. São Paulo: Gravadora independente, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hfLS7ZvZuN8>. Acesso em 25 nov. 2020.

GUERRA, Luiz Antonio. Autogestão. **Infoescola**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/autogestao/>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

CALDAS, Danielle. A História da Camiseta: sua origem e significados. **Blog Chico Rei**, 2016. Disponível em: <<https://blog.chicorei.com/historia-da-camiseta/>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

A História da Camiseta. **Moda Para Homens**, [s.d.]. Disponível em: <<https://modaparahomens.com.br/a-historia-da-camiseta/>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

Sem Título. **Pinterest**, [s.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/538602436659167267/visual-search/?x=15&y=15&w=475&h=602>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

NADAL. Um Bonde Chamado Desejo. **Dicas de Cinema**, 2012. Disponível em: <<https://dicasdecinema.net/um-bonde-chamado-desejo/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

CAMPOS, Leonardo. Crítica | Juventude Transviada. **Plano Crítico**, 2015. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/juventude-transviada/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

HF, Redação. ROUPAS HIPPIE MASCULINA – APRENDA TUDO SOBRE ESSE ESTILO. **Homem Feito**, 2020. Disponível em: <<https://www.homemfeito.com/roupas-hippie-masculina/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

PAN, Jovem. Período de John Lennon em NY é tema de exposição em SP. **Jovem Pan**, 2020. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/periodo-de-john-lenon-em-ny-e-tema-de-exposicao-em-sp.html>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

Punk: a influência das lojas de Vivienne Westwood e Malcolm McLaren na estética da subcultura. **Moda de Subculturas**, 2015. Disponível em: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/09/punk-influencia-lojas-vivienne-westwood-malcolmmclaren.html>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

WIKIPÉDIA a Enciclopédia Livre. I Love New York. **Wikipédia**, [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/I_Love_New_York>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

RIBEIRO, Eduardo. Como os clubbers reinventaram a noite e a moda jovem de São Paulo. **Vice**, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/qk9jnp/moda-clubber-noite-sao-paulo>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

RODRIGUES, Leonardo. 35 anos de fúria O som e as tretas do punk brasileiro recontadas por quem estava lá. **Uol**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.uol/entretenimento/especiais/punk-brasileiro.htm#censura-e-repressao>>. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

Eddy Teddy (por Drago). **Eddy Teddy**, [s.d.]. Disponível em: <<https://eddyteddy.wordpress.com/2009/09/04/eddy-teddy-por-drago/>>. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

GUERRA, P.; QUINTELA, P. Culturas de resistência e mídia alternativas: os fanzines punk portugueses. **Sociologia Problemas e Práticas**, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/spp/2088?lang=en>>. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

MANIFESTO Punk. **Twitter**, 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/sarahcaoss/status/1277834319248134145>>. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

MOSTRA TUA ARTE. Sem Título. **@mostratuaarte**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCcNhyKBkIB/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.